

Arte para todos

Caminhando pelas ruas brasileiras olhamos nos rostos uns dos outros, e vamos nos surpreendendo ao perceber a quantidade de etnias que compõem o nosso povo. Mesmo os habitantes originais da terra, os chamados índios, já estavam divididos em vários povos e nações, com culturas, língua e modos de viver diferentes entre si. Atualmente ainda existem cerca de duzentos idiomas sendo falados por povos indígenas, ou seja, mesmo com toda a destruição provocada pelos brancos a população nativa do Brasil resiste e existe, viva e presente. Esses habitantes originais não fizeram expansão territorial, não cruzaram o oceano em busca de novas terras, mas entraram forçadamente em contato com outras culturas, que vieram para as américas em busca de riqueza. Este encontro étnico gerou todo um conflito e também uma mistura cultural que ainda segue se resolvendo.

A formação da cultura brasileira é de natureza multicultural, composta de várias precedências raciais pois, além dos europeus, houve também a vinda dos negros trazidos como escravos, e mais recentemente, do final do século XIX e início do século XX, foi iniciado um grande processo de imigração trazendo populações de muitas partes do mundo para o Brasil. Esse trânsito gera uma integração cultural que vai aos poucos se misturando, se transformando e se constituindo numa cultura híbrida, e portanto mestiça. Existe assim toda uma expressão visual brasileira que vai se formando no decorrer da história do país, que possui uma certa identidade, que cada vez fica mais evidente. Um primeiro choque cultural acontece com o encontro dos portugueses com os índios em 1500, homens brancos, com roupas e barbas, travam contato com homens e mulheres que andam nus, possuem a pele mais escura, e vivem em harmonia com a natureza. A arte para os indígenas (*imagem 1*) faz parte da vida, está expressa nos seus corpos pintados com tinta natural, nos seus objetos de uso cotidiano, nos seus cocares feitos com penas de pássaros, nos adereços usados nos rituais sociais e religiosos. A arte para o índio serve para o diferenciá-lo da natureza, os motivos das suas pinturas são sempre geométrico-abstratos, e nunca buscam uma representação figurativa, ou que imite o que é visto no mundo natural. Os portugueses não trazem consigo

Artes Visuais no Brasil e Diversidade Cultural

ções anjos mulatos (*imagem 3*), trazendo à tona uma religiosidade mestiça e sincretizada, impulsionando uma identidade nacional que começa a se construir. Cabe lembrar que é justamente neste período que acontece a primeira tentativa de independência brasileira, pela chamada inconfidência mineira.

Com a vinda da família real para o Brasil no início do século XIX, é criada a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, e artistas franceses são trazidos ao Brasil com o intuito de educar a colônia para as artes. A este acontecimento é dado o nome de Missão Francesa, cujo objetivo era o de formar artistas e fazer o registro do Brasil imperial. Este modelo de produção artística atravessa todo o século XIX ditando as regras e moldando a arte brasileira, destacando-se, entre outros, o artista francês Jean Baptiste Debret (*imagem 4*).

O início do século XX, é marcado na Europa pelo surgimento dos movimentos modernistas, que vão repercutir no Brasil primeiro na pintura de uma jovem artista chamada Anita Malfatti. Essa artista estuda pintura na Alemanha e nos Estados Unidos da América, e traz consigo uma pintura inovadora, marcada pelo expressionismo (*imagem 5*). Sua exposição em São Paulo, no ano de 1917, causa escândalo e marca o primeiro rompimento com a arte acadêmica produzida no Brasil até então. Essa exposição gera todo um movimento de artistas e intelectuais da época que culminam na conhecida Semana de Arte Moderna de 1922. Esse grupo busca dialogar com a arte produzida fora do Brasil, mas procura manter e revigorar uma identidade nacional. Após a semana de 22 Tarsila do Amaral, pintora com influência impressionista, surrealista, cubista e construtivista, começa a produzir uma pintura, posteriormente chamada de Pau-Brasil (*imagem 6*), que inspirará as teorias antropológicas do escritor Oswald de Andrade.



(*imagem 2*) Sugar-factory at an estate. Frans Post, 1650, óleo sobre tela. Museu Boymans-van Beuningen, Rotterdam



(*imagem 3*) Pintura de Manoel da Costa Ataíde. Detalhe do teto da Igreja de Santo Antônio, Santa Bárbara Minas Gerais



(*imagem 4*) Pintura de Jean Baptiste Debret. Óleo sobre tela, sem referência de data, dimensões e localização, extraída do site: www.pitoresco.com.br/brazil/debret/debret.htm

(*imagem 1*) Manto emplumado da tribo Tupinambá, exposto na Mostra do Redescobrimento. Museu de História Natural da Dinamarca.



(*imagem 5*) O Japonês. Pintura de Anita Malfatti, óleo sobre tela, sem referência de data, dimensões e localização.



(*imagem 6*) Operários, Tarsila do Amaral, 1933, óleo sobre tela 150 x 205 cm. Coleção do Governo do Estado de São Paulo.



(*imagem 7*) Bandeirinhas, Alfredo Volpi, tempera sobre tela, sem referência de data e dimensões. Coleção do Ministério da Fazenda, Brasília Brasil.

na sua ligação com a vida, como parte funda-

nenhuma referência visual européia, mas trazem a religião católica, e por esse viés é que acontece uma primeira miscigenação, por meio dos rituais cristãos efetuados pelos Jesuítas. O uso dos objetos ritualísticos indígenas são incorporados às missas cristãs e ao teatro, utilizado na catequização dos índios pelo Padre José de Anchieta, colorindo e dando uma forma mais festiva e solta ao catolicismo que está sendo implantado pelos padres portugueses.

A primeira manifestação da imagem figurativa, em moldes europeus, em terras brasileiras se dá com a invasão holandesa em Pernambuco. Junto da esquadra comandada por Maurício de Nassau, vem para o Brasil o pintor Frans Post, que faz os primeiros registros pictóricos da vida na colônia (*imagem 2*). As pinturas desse artista retratam a paisagem, a flora, a fauna da terra. Há o registro do homem colonial, escravos negros, gente mestiça e os brancos donos dos engenhos de produção de açúcar. Depois do holandês Frans Post, outros artistas realizam várias expedições registrando imagens da vida e da natureza no Brasil.

Talvez o momento em que a arte brasileira nasce de fato seja a época do ciclo da mineração, que coincide com o período Barroco no resto do mundo. A interiorização provocada pela busca do ouro desloca a economia colonial para as Minas Gerais, que torna-se o centro econômico brasileiro. Embora haja uma arte barroca existindo em outras cidades brasileiras nesse período, é na região de Ouro Preto que existe a maior concentração de obras primas no estilo. A exuberância e a riqueza promovida pelas minas de ouro e diamante, acabam por gerar uma arte, ligada à religião católica, extremamente elaborada, e que ainda não fora vista no Brasil colônia. Muitos artistas nascidos na terra aparecem, projetando e construindo igrejas, fazendo esculturas e pinturas, numa arte inspirada no modelo europeu de então, mais já expressando todas as referências do lugar. O artista de maior destaque do Barroco brasileiro é Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho. Filho de um arquiteto português com uma negra escrava, esse artista nunca viu uma igreja Barroca européia, aprendendo seu ofício de arquiteto e escultor por meio do estudo apenas de projetos e acompanhando na infância outros artistas de Ouro Preto, alcançando um nível artístico que impressiona ainda hoje os estudiosos do estilo pelo mundo. Nas pinturas do interior das igrejas o artista Manoel da Costa Ataíde começa a colocar em suas composi-

A segunda geração de modernistas paulistas era composta principalmente de imigrantes, eram, em sua maioria, autodidatas e executavam uma pintura diletante. Talvez o representante mais expressivo desse momento seja Alfredo Volpi. Nascido na Itália, Volpi inicia sua carreira fazendo uma pintura de paisagem, bastante singela. Aos poucos vai ampliando seus estudos, e depois de passar por uma fase onde pinta fachadas de casas, começa a geometrizar suas composições. Utiliza-se da forma das bandeiras de festas populares (*imagem 7*), e ao mesmo tempo usa como pigmento a tradicional têmpera a ovo, que é uma técnica muito executada pelo renascimento italiano. Esta relação com uma pintura tradicional, somada a um construtivismo bastante singular, com uma clara referência da cultura popular, acaba por expressar uma observação e representação genuína e original na pintura moderna que caracteriza uma visualidade brasileira.

Outro artista que conquista esta visualidade pintura moderna brasileira é Albertão da Veiga Guignard. Nascido no Rio de Janeiro e estudando arte na Europa, esse artista realiza o melhor de sua obra a partir de sua visão das Minas Gerais. Muitas de suas pinturas retratam a paisagem montanhosa da região de Ouro Preto (*imagem 8*), e pelo seu trabalho mais uma vez acabamos sendo levados a pensar que a arte brasileira se manifesta de fato quando se apresenta no seu interior, onde parece que toda as misturas culturais se assentam revelando uma face própria.

Nos anos cinquenta, tem início no Brasil o movimento Concretista, que retoma e dá continuidade à abstração geométrica e ao construtivismo europeu. O interessante é que esta arte, marcada por uma forte racionalidade, acaba, de certa maneira retomando um referencial próximo das culturas indígenas brasileira, por meio da repetição de formas geométricas. Luiz Sacilotto (*imagem 9*) é um dos artistas representantes do movimento em São Paulo.

Posterior a esse primeiro momento, surge um grupo dissidente do movimento, que se autodenomina neoconcretista, e que busca flexibilizar o rigor concretista. A arte neoconcreta ainda continua abstrata e geométrica, mas se lança a outros experimentos com a linguagem plástica. Hélio Oiticica por exemplo cria os chamados parangolés (*imagem 10*), retomando o adereço, e produzindo uma arte para ser vestida nos festejos, nas comemorações, nos rituais, nas festas populares principalmente no carnaval. Desse modo, estabelece também uma relação mais direta com a ideia de arte dos índios, pensando

mental da identidade cultural e nos torna seres humanos, nos diferenciando da natureza.

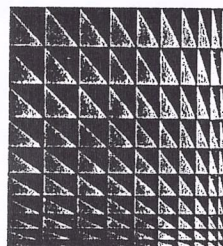
O caldeirão cultural brasileiro ainda recebeu a influência da cultura japonesa, que é trazida pelos imigrantes no começo do século passado. Artistas como Manabu Mabe trazem para o Brasil uma arte abstrata informal (*imagem 11*), e representando uma corrente artística mais próxima do expressionismo abstrato, e guardando relações com sensações de percepção da natureza, as vezes microscópicas, as vezes cósmicas.

Permeando todo este desenvolvimento artístico está a presença da cultura africana, que se faz presente na cultura brasileira de modo bastante efetivo. Esta cultura se estabelece em todo o convívio social, principalmente das camadas populares da população e sua arte emana do povo de modo legítimo. Alguns artistas como Mestre Didi, têm na sua temática e poética uma ligação muito estreita com as raízes africanas, com a religiosidade do candomblé (*imagem 12*) e uma valorização das origens. O fato é que a presença do negro, ou como referência da cultura brasileira ou como portadores de uma maneira de produzir arte completamente diversa da européia, é algo que já se compõe como elemento de tradição do nosso povo.

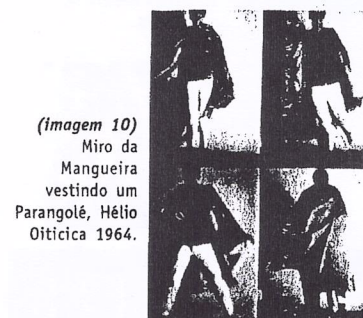
Partindo deste panorama podemos perceber que no Brasil se encontram várias influências culturais que vão compondo nossas artes visuais. Em alguns momentos artistas estrangeiros estabelecem-se no país e trazem sua cultura, em outras vezes artistas brasileiros vão aprender fora do Brasil e retornam trazendo outros referenciais. Há uma mistura que revela uma identidade que ainda está se construindo. Dizer que o Brasil já possui uma cultura estabelecida seria ingenuidade, ao mesmo tempo em que não se pode criar preconceitos de superioridade uma cultura sobre outra. É preciso valorizar o que há de bom em cada cultura, incorporando positivamente na formação de um povo. Existe o eu porque existe o outro, não se pode tratar a diferença pelo viés da tolerância, é necessário que haja respeito, e integração entre as culturas e povos, essa é uma busca que deve existir na construção da identidade brasileira, e talvez uma lição que o país possa dar ao resto do mundo.

Evandro Carlos Nicolau
Educador do Museu de Arte Contemporânea da
Universidade de São Paulo
Vamos conversar sobre os artigos e trocar ideias
sobre arte, mande seu e-mail para:
arteptodos@yahoo.com.br

(*Imagem 8*)
Festa de São João:
Ouro Preto,
Alberto da Veiga
Guignard, óleo s/
tela, 1960-49 x 39
cm extraída do
site: www.pitoresco.com.br



(*Imagem 9*)
Composição,
Luiz Sacilotto,
acrílico sobre
tela 80 x 80 cm



(*Imagem 10*)
Miro da
Mangueira
vestindo um
Parangolé, Hélio
Oiticica 1964.



(*Imagem 11*)
Testemunha do
século,
Manabu Mabe,
óleo sobre
tela, 1991,
152 x 191 cm.
Sem referência
de localização.



(*Imagem 12*)
Árvore dos
Espíritos
Ancestrais, Mestre
Didi, bambú,
palha, e conchas,
190 x 60 cm.
Coleção do artista.

Indicação de sites:
http://www.guggenheim.org/exhibitions/post_exhibitions/brazil/afro_brazilian_03.html
www.pitoresco.com.br
www.turistadocomercio.com.br
www.artemil.com.br